Cinco décadas sem perder o fio

Uma viagem guiada por todos os discos da banda irlandesa, passando pelos hinos de arena dos anos 1980 e pela experimentação eletrônica dos 1990

CESAR MONTEIRO
Especial para o Correio da Manhã

Divulgação



U2 em imagem promocional do novo álbum, 'Carnaval de Luz'

O ano de 2026 consagra o jubileu de ouro do U2. Celebrando meio século de trajetória, a banda irlandesa movimentou o mercado fonográfico com dois EPs no primeiro semestre e lançou no último fim de semana seu 17º álbum de estúdio, "Carnaval de Luz". O pacote comemorativo se completa com o anúncio da turnê de 2027, que trará o grupo ao Brasil em março para quatro apresentações em São Paulo.

Essa jornada se iniciou em 25 de setembro de 1976, na escola Mount Temple Comprehensive School, em Dublin. Os então adolescentes Paul Hewson, Dave Evans e Adam Clayton responderam a um anúncio para a formação de um conjunto de rock, colocado no mural do colégio pelo baterista de 14 anos Larry Mullen Jr.

Com Hewson nos vocais (que ficaria conhecido como Bono Vox e, posteriormente, apenas Bono), Evans na guitarra (que assumiria a alcunha de The Edge) e Clayton no baixo, a banda atendia, a princípio, pelo nome de Feedback, e contava ainda com Dick Evans, irmão de The Edge, na segunda guitarra.

No ano seguinte, o nome foi alterado para The Hype e, finalmente, em 1978, já como quarteto, o grupo adotou a sigla U2 com a qual se consagraria na cena rock mundial, consolidando seu país de origem — terra do Thin Lizzy — no mapa definitivo da música pop. Aproveitando o ensejo do novo lançamento, confira uma viagem guiada pela discografia da banda.

BOY (1980) - O álbum de estreia do U2 tornou-se marco essencial do rock oitentista ao capturar a banda em seu estado mais pulsante, movida pela urgência crua do punk e pelo frescor melódico da new wave. Sob a condução segura do produtor Steve Lillywhite, o trabalho combina a energia juvenil do quarteto com arranjos vibrantes, guitarras de forte pegada e ganchos melódicos impecavelmente engendrados. Impulsionado por hinos imediatos como "I Will Follow" e "Electric Co.", o disco não apenas revelou a identidade sonora única do grupo ao mundo, mas garantiu com louvor o seu lugar na prateleira dos melhores e mais influentes álbuns da década.

OCTOBER (1981) - Embora possa não atingir o ouvinte com a mesma velocidade devastadora e imediata de sua estreia, o segundo álbum do U2, October, esquiva-se com maestria da temida "maldição do segundo disco" ao dobrar a aposta no pós-punk atmosférico e na urgência espiritual que colocaram Dublin no mapa. Reunindo forças novamente com Lillywhite, o quarteto canaliza sua fricção jovem e crua em uma paisagem sonora mais sombria e introspectiva — onde os dedilhados reluzentes de The Edge e os vocais inflamados e inquisitivos de Bono assumem o centro do palco. Ancorado pela grandiosidade arrebatadora e inegável de "Gloria" — uma verdadeira aula de tensão pronta para arenas e fervor religioso —, o registro prova que, mesmo quando capturado pelo turbilhão do sucesso repentino, a ambição do U2 já era grande demais para se limitar ao underground.

WAR (1983) - O álbum War marcou a virada definitiva da banda da cena pós-punk em direção a uma fase messiânica, consolidando a postura política e ativista que viraria sua maior marca registrada. Podemos considerá-lo o "Green Card" do U2. A conquista do mercado norte-americano veio embalada por hinos viscerais: "New Year's Day" trouxe uma crítica direta à repressão do sindicato Solidariedade e à lei marcial na Polônia, enquanto "Sunday Bloody Sunday" imortalizou a dor do massacre na Irlanda do Norte sob a condução de uma bateria marcial inesquecível. Impulsionado por esses clássicos gigantes, o trabalho culminou em uma vitoriosa turnê internacional e no aclamado registro ao vivo "Under a Blood Red Sky".

THE UNFORGETTABLE FIRE (1984) - Livre de qualquer resquício do pós-punk que marcou o início da carreira, o álbum batizado em homenagem a uma exposição de arte em Chicago sobre Hiroshima e Nagasaki, para a qual a banda doou cenários de sua turnê anterior — marcou a entrada definitiva do U2 em sua fase messiânica e deu início ao seu fascínio estético e cultural pelas coisas da América. Primeiro fruto da icônica parceria com os produtores Brian Eno e Daniel Lanois, o trabalho expandiu os horizontes da banda em direção a uma sonoridade mais atmosférica e espacial, abrindo com a pungente "A Sort of Homecoming" e abrigando hinos atemporais como "Pride (In the Name of Love)", a épica "Bad" e a própria faixa-título, além da sutil e belíssima "Promenade".

THE JOSHUA TREE (1987) - Ponto alto da fase messiânica do grupo, The Joshua Tree é o álbum multipremiado que atingiu o topo da crítica e do público ao entregar uma obra irretocável do início ao fim. Refletindo o ápice do fascínio da banda pela sonoridade e pelo imaginário norte-americano, o disco traz um Lado A com apelo mais pop que, mesmo tocado à exaustão nas rádios de todo o mundo, mantém o brilho com hinos atemporais como "Where the Streets Have No Name", "I Still Haven't Found What I'm Looking For", "With or Without You" e a tensa "Bullet the Blue Sky". Contudo, sua força estende-se com a mesma magnitude ao Lado B, abrigando pérolas de profunda carga emotiva e poética como "Running to Stand Still", "Red Hill Mining Town" e "In God's Country", que reafirmam este trabalho como o mais definitivo da discografia do U2.

RATTLE AND HUM (1988) - Consagrado como uma megabanda de alcance planetário, o U2 respondeu ao peso desse status com o ambicioso e polêmico projeto multimídia Rattle and Hum, que combinou um álbum duplo — mesclando faixas inéditas de estúdio com registros ao vivo da The Joshua Tree Tour e versões para clássicos de terceiros — a um documentário cinematográfico dirigido por Phil Joanou para capturar o quarteto em seu ápice. A obra explicita uma imersão profunda no blues, no folk e no gospel, marcada pela parceria com